



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA INGLESA

GABRIELLA SILVEIRA VASCONCELLOS

**HARRY POTTER E OS ARQUÉTIPOS DOS TRÊS IRMÃOS:  
UMA LEITURA COMPARADA ENTRE A SÉRIE E O *CONTO DOS  
TRÊS IRMÃOS***

João Pessoa

2019

GABRIELLA SILVEIRA VASCONCELLOS

**HARRY POTTER E OS ARQUÉTIPOS DOS TRÊS IRMÃOS:  
UMA LEITURA COMPARADA ENTRE A SÉRIE E O *CONTO DOS  
TRÊS IRMÃOS***

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Letras – Língua Inglesa, da  
Universidade Federal da Paraíba, como  
requisito para a obtenção do título de  
Licenciada em Letras Inglês.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alyere Silva Farias

João Pessoa

2019

GABRIELLA SILVEIRA VASCONCELLOS

**HARRY POTTER E OS ARQUÉTIPOS DOS TRÊS IRMÃOS:  
UMA LEITURA COMPARADA ENTRE A SÉRIE E O *CONTO DOS TRÊS*  
*IRMÃOS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial necessário para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Alyere Silva Farias  
**Orientadora**  
(UFPB)

---

Profa. Dra. Rinah de Araújo Souto  
**Examinadora**  
(UFPB)

---

Profa. Dra. Fabiana Ferreira da Costa  
**Examinadora**  
(UFPB)

---

Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael  
**Suplente**  
(UFPB)

#### Catálogo na publicação Seção

331h Vasconcellos, Gabriella Silveira.

Harry Potter e os arquétipos dos três irmãos: uma leitura comparada entre a série e o Conto dos Três Irmãos / Gabriella Silveira Vasconcellos. - João Pessoa, 2019.

47 f.

Orientação: Alyere Farias.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Harry Potter. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Campbell. 4. Vogler. 5. Arquétipos. I. Farias, Alyere. II. Título.

UFPB/CCHLA

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família. Sou muito grata a todo o apoio que sempre me deram e continuarão a dar em minhas escolhas. Agradeço por terem paciência até eu conseguir encontrar a graduação certa para mim, e também por nunca me pressionarem a escolher uma carreira específica.

Também agradeço aos amigos que fiz ao longo do curso. Essas pessoas foram muito importantes por me propiciarem o apoio emocional em uma fase tão difícil que é a graduação. Quero agradecer principalmente a Helen, que sempre me aceitou do jeito que eu sou, esteve lá para me apoiar nos tempos difíceis, mas também compartilhou risadas e alegrias.

Quero agradecer a professora Elaine, pois foi por causa dela que finalmente consegui um tema para meu TCC. Ela também me encorajou a falar de um tema que pode não ser visto por muitos como o mais usual para se trabalhar no mundo acadêmico, e me fez perceber que eu não deveria ter medo de trabalhar com o que gosto.

Agradeço também minha orientadora Alyere, que me ajudou a elaborar todo esse trabalho, bem como me ensinou muito na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil. Agradeço por ela não ter desistido de me orientar, mesmo que eu tivesse levado muito tempo para concluir esse trabalho.

Por fim, agradeço aos participantes do podcast *Nerdcast*, que me apresentaram aos livros de Campbell, que pretendo estudar mais a fundo no futuro.

## RESUMO

Joanne Kathleen Rowling publicou desde o final da década de 90 um dos maiores *best-sellers* da literatura infanto-juvenil contemporânea, com os sete títulos da saga *Harry Potter*. A saga, um fenômeno entre crianças e adolescentes, também tem sido um sucesso também com os adultos. Com o desenvolvimento da cultura de fã, que tenta preencher lacunas nas suas obras favoritas, surgiu uma teoria: os personagens do *Conto dos três irmãos*, primeiramente mencionados no último título da saga e depois publicados na coletânea *Os Contos de Beedle, o Bardo*, seriam analogias a outros quatro personagens da saga de livros, Harry Potter, Lorde Voldemort, Alvo Dumbledore e Severo Snape. Apoiado na teoria dos Arquétipos, apresentada por Campbell (2004) e reforçada por Vogler (2007), uma análise arquetípica foi feita com todos esses personagens, de modo a comprovar e elaborar melhor essa teoria que vem circulando a tanto tempo entre os fãs da série de livros.

**Palavras-chave:** Harry Potter. Literatura infanto-juvenil. Campbell. Vogler. Arquétipos.

## ABSTRACT

Joanne Kathleen Rowling has published since late 1990s one of the best-sellers of contemporary children's literature, with her seven *Harry Potter's* titles. The saga, a phenomenon among kids and teenagers, has also been a success with adults. With the development of fan culture, that try to fill the blanks in their favorite books, a theory was proposed: the characters on *The tale of the three brothers*, firstly mentioned in the last book of the saga and then published in the collection *The tales of Beedle, the Bard*, would be analogies to other four characters in the book's series, Harry Potter, Lord Voldemort, Albus Dumbledore and Severus Snape. Based on Campbell's (2004) theory of the Archetypes, reinforced by Vogler (2007), an archetypical analysis was made with all these characters, in order to prove and better elaborate this theory that has been circulating for so long among the series of books' fans.

**Key words:** Harry Potter. Children Literature. Campbell. Vogler. Archetypes.

# SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 - CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS E JOVENS: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E CULTURA DE FÃ NA SAGA HARRY POTTER.....	11
1.1 As narrativas para crianças e jovens e as conexões entre os mundos da ficção e do vivido .....	11
1.2 – As narrativas para o público jovem e a cultura de fã .....	15
2- BREVE REFLEXÃO SOBRE OS ARQUÉTIPOS.....	19
2.1. Monomito.....	19
2.2. Arquétipos.....	20
2.2.1. Herói .....	21
2.2.2. Mentor .....	24
2.2.3. Camaleão.....	25
2.2.4. Sombra .....	26
3 – HARRY POTTER E O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS: UMA APROXIMAÇÃO ARQUETÍPICA.....	28
3.1. Os irmãos, as relíquias, os arquétipos: uma leitura do conto.....	28
3.2. O entrecruzar de narrativas: conexões entre os irmãos e as personagens de Harry Potter: .....	32
3.2.1. Voldemort e o primeiro irmão .....	34
3.2.2. Snape e o segundo irmão.....	36
3.2.3. Harry e o terceiro irmão.....	37
3.2.4. Dumbledore e a Morte.....	39
Considerações Finais .....	42
Referências bibliográficas .....	46



## Introdução

*Os contos de Beedle, o Bardo* (2008) é um livro de contos de fadas ficcional para bruxos existente na série de livros *Harry Potter*, escrito por J.K. Rowling. O último conto, *O Conto dos três irmãos*, foi primeiramente apresentado no sétimo livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, de 2007, e posteriormente incluído na versão publicada dos contos de fadas *Os contos de Beedle, o Bardo* em 2008, depois do fim da série de livros.

Considero que *O Conto dos três irmãos* tem um papel importante no desenvolvimento da narrativa na saga *Harry Potter*, pois apresenta três itens mágicos importantes, as “Relíquias da Morte”, necessárias para que o pequeno bruxo vença a luta contra o vilão principal da saga, Lorde Voldemort. Entretanto, há também outro papel importante que o conto desempenha na narrativa, visto que as personagens do conto podem ser lidas como analogias a algumas personagens do livro.

*O Conto dos três irmãos* narra a aventura de três irmãos bruxos que estavam viajando e deveriam atravessar um rio perigoso. Com suas habilidades mágicas, eles conjuram uma ponte, que torna possível atravessá-lo sem problemas. Porém, eles se deparam com a Morte, que não está satisfeita por não poder fazer seu trabalho, já que os irmãos sobreviveram à travessia. Ao invés de castigá-los, ela finge parabenizá-los e diz que eles podem pedir a ela um presente cada. O primeiro irmão, o mais ambicioso, pede uma varinha invencível; o segundo, querendo humilhá-la, lhe pede o poder de ressuscitar os mortos; o terceiro, o mais humilde e sábio, quer apenas fugir dali e pede uma maneira de fazer isso. A Morte lhes dá, respectivamente, a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressureição e a Capa da Invisibilidade.

Os irmãos seguem jornada e, em certo momento, se separam. O primeiro irmão vai à procura de um antigo inimigo, e o mata em um duelo, se gabando de sua Varinha invencível. Na mesma noite, enquanto dormia, outro bruxo mata o irmão para roubar sua Varinha, e assim a Morte levou o primeiro irmão. O segundo irmão voltou para casa e, ao tentar usar a Pedra, acaba ressuscitando a mulher por quem era apaixonado. Apesar disso, a mulher não foi totalmente ressuscitada, sendo uma espécie de ser entre a vida e a morte, que sofre muito por ter sido chamada ao mundo dos vivos. Desesperado com a situação, ele se mata para juntar-se a ela, e assim a Morte levou o segundo irmão. Mesmo que a Morte procurasse o terceiro irmão por muito tempo, este usou a Capa para se

esconder durante décadas, e apenas a despiu quando percebeu que sua hora havia chegado, passando a Capa para seu filho. Ele então caminhou com a Morte, que o recebeu como uma velha amiga.

Como já foi apontado por fãs da série, Voldemort, o Lorde das Trevas, Snape, o professor de Poções e antigo servo do Lorde das Trevas, e Harry, o menino que sobreviveu, representariam o primeiro, segundo e terceiro irmãos, respectivamente. Outra hipótese, derivada desta primeira suposição seria que Dumbledore, juntando-se aos três personagens citados, representaria a Morte, porque ele, em diferentes momentos da série, esteve em posse das três relíquias. Essa teoria já circula há algum tempo dentro do *fandom*<sup>1</sup> de *Harry Potter*, apesar de não ser confirmada pela autora.

Portanto, para analisar em que aspectos as personagens são similares, fiz uma comparação entre seus pares. Isto foi feito com base no conceito de arquétipos, explicado por Vogler em sua *A jornada do escritor* (2007), que por sua vez é baseada no trabalho de Joseph Campbell (2004), principalmente *O herói de mil faces*.

Aliado ao conceito de arquétipos, também me apoio nos conceitos trazidos por Pádua (2004) dos Arquétipos do Mago. Apesar da autora também contribuir para os conceitos de literaturas fantástica e infanto-juvenil aqui desenvolvidos, apoio-me principalmente em Hochscheid (2016), Brito (2014) e Fernandes (2013), além de trazer Domingos (2015) e Jenkins (2009) para trazer uma visão mais aprofundada da cultura de fã, que vem crescendo paralelamente com a popularização da literatura infanto-juvenil.

No primeiro capítulo, disserto brevemente sobre a literatura fantástica e infanto-juvenil ao longo da história, como base para um melhor entendimento da obra de Rowling, que se enquadra em ambas classificações. Também trago algumas considerações acerca da cultura de fã focada na série de livros, pois foi essa cultura que trouxe a teoria analisada em questão. No segundo capítulo, trago a definição dos Arquétipos, que são essenciais para essa análise, não sem antes discorrer brevemente sobre o Monomito, considerando, como será explicado, como estão interligados.

No terceiro capítulo, trago uma análise de todos os personagens trabalhados a partir dos Arquétipos. Primeiramente, disserto sobre os personagens do conto, destacando as características que os fazem serem classificados como seus respectivos Arquétipos. Em seguida, faço o mesmo com os personagens da série de livros, enquanto comparo estes com os personagens do conto.

---

<sup>1</sup> Nome dado ao conjunto de fãs de uma determinada obra. No caso, o conjunto de pessoas que se consideram fãs da saga *Harry Potter*.

## 1 - CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS E JOVENS: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E CULTURA DE FÃ NA SAGA HARRY POTTER

Neste capítulo irei tecer algumas considerações sobre o ato de contar histórias para crianças, traçando algumas aproximações entre o mundo ficcional de *Harry Potter* e o mundo material, com a figura do contador de histórias. Destaco ainda algumas concepções sobre a literatura infanto-juvenil que influenciam a maneira como ela é considerada pela academia. Em seguida, procuro discutir brevemente questões relativas à literatura e a cultura de fãs, destacando elementos que oferecem subsídios para minha leitura e análise comparativa das narrativas.

### 1.1 As narrativas para crianças e jovens e as conexões entre os mundos da ficção e do vivido

O ato de contar histórias vem desde os tempos primitivos. Apesar das mães serem, geralmente, as primeiras a contarem histórias para as crianças, isso não era visto como uma tarefa que elas deveriam exercer. Esse papel era, na verdade, atribuído aos homens. Em seus estudos sobre contos de fadas, Warner (1999) narra que Sibila praticava escondida suas artes proibidas, dentre elas a arte de inventar e contar histórias. Em suma, apesar dessa arte estar associada à figura do homem como contador para a sociedade, as mulheres desempenhavam um importante papel, introduzindo as crianças às narrativas, mesmo que sem o conhecimento dos homens.

Quando a figura do contador iletrado passou a ser substituída por leitores profissionais, as narrativas escritas registravam uma personagem narradora, como em *Os contos da mamãe ganso*. As histórias mais antigas são caracterizadas pelo anonimato do autor, e o conceito de autoria é relativamente recente. Como eram contadas oralmente, a autoria era difícil de ser atribuída à uma única pessoa. É possível que muitas dessas histórias não tenham um único autor nem uma única versão. Apesar disso, não se diminui nem um pouco o valor da história. Pelo contrário, a história se torna mais rica, pois se atualiza, o que a deixa mais viva, facilitando suas dispersão e identificação com os ouvintes.

Uma das funções principais da contação de histórias é a troca de informações, principalmente entre diferentes culturas. Se considerarmos isto, então não é difícil assumir, como Benjamim (1996), que as narrativas não teriam função na sociedade atual, onde a troca de informações é globalizada e muito mais rápida entre diversas partes do mundo. Outra troca importante que ocorre é a de valores e sabedoria, pois as histórias trazem uma moral ou valor, e ainda podem influenciar profundamente os ouvintes, podendo assim influenciar culturas inteiras.

Considerando a obra analisada, *Os Contos de Beedle, o Bardo* (2008), a autora atribui um papel semelhante aos contos de fadas que temos em nosso universo, como os contos dos irmãos Grimm, para o universo de *Harry Potter*. Em *Os contos de Beedle, o Bardo* (2008), são trazidas cinco histórias, que são contos de fadas para crianças bruxas. Porém, ressalto uma diferença relevante em relação aos contos de fadas do nosso universo e os do universo da autora: o fato de que no universo da autora a magia é real, ao contrário do nosso universo. O conflito entre seres mágicos e não-mágicos é visto, portanto, por outra perspectiva, pois a magia não é surpreendente para as crianças bruxas. Uma semelhança entre nossos contos de fadas e os das crianças bruxas, porém, se mantém: o fato de tentar ensinar lições de moral. No *Conto dos três irmãos*, por exemplo, a lição de moral a ser ensinada, no caso, é sobre como lidar com a morte, e como ela é inevitável. É importante, portanto, ter um relacionamento saudável com a ideia da morte, seja tanto a própria quanto a de outros.

Considerando que as histórias transmitem os valores e lições de moral das culturas pelas quais é transmitida, elas são essenciais ao ser humano para que ele possa adquirir os valores do mundo em que vive, de modo a prepará-lo a se integrar na sociedade. O fato das histórias terem viajado pelo mundo através do tempo também incorpora valores de diferentes culturas, contribuindo para que o ouvinte se torne uma pessoa mais ciente do mundo que o cerca.

Com o tempo, como esses valores eram geralmente adquiridos na infância, os contos de fadas passaram a ser associados à essa faixa etária, fazendo parte da classificação de literatura infanto-juvenil. Para entender o conceito de literatura infanto-juvenil, é importante entender primeiramente como foram desenvolvidos os conceitos de infância e adolescência através dos últimos séculos. A literatura infantil começou a surgir apenas no final do século XVII e no século XVIII (com intuito educacional), pouco depois do conceito de infância surgir na sociedade. A criança, antes disto, era vista como um “mini adulto”, não sendo muito diferentes dos adultos.

A literatura Infanto-Juvenil, como obra de arte, é um gênero recente. Sabe-se que há muito tempo escrevem-se livros para crianças e adolescentes, mas nem sempre a produção para esse público pode ser considerada realmente Literatura. Segundo Zilberman (2003), os primeiros livros de literatura infantil foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso não se escrevia para crianças, porque não existia a “infância”. De fato, a concepção de infância como uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica deve-se a um acontecimento da Idade Moderna. (BRITO, 2014, p.12)

Esse acontecimento é o surgimento do conceito de unidade familiar. Antes da unidade familiar tradicional (mãe, pai e filhos), os grupos familiares eram muito mais amplos. Com a diminuição do número de membros na unidade familiar, os pais podiam agora dar mais atenção a sua própria prole, o que consequentemente originou o conceito de infância. A adolescência surgiu mais tarde. Essa fase teria se originado após a Segunda Guerra Mundial, quando os quadrinhos de super-heróis eram muito populares nessa faixa etária.

Foi nesse cenário que se deu a verdadeira expansão da literatura em quadrinhos, com seus super-heróis, suas séries detetivescas e aventuras, que foram o resultado da fusão entre o maravilhoso e a ciência. A produção textual passava do tom humorístico inicial para batalhas formidáveis com super-heróis. (FILHO, 2011, p. 34)

A literatura destinada ao público jovem era, portanto, caracterizada por propiciar heróis para que os leitores tivessem uma figura protetora no momento pós-guerra. Com o tempo, as personagens dessas narrativas tentavam criar uma identificação com os jovens, sendo dessa faixa etária, porém mantendo as atitudes heroicas. Os temas populares para essas narrativas passaram a ser aventura, policial, suspense e o fantástico.

Portanto, além da figura jovem (de modo a gerar identificação com o público) e heroica do protagonista, as personagens também estavam inseridas no fantástico. “Todorov (2007, p. 31) explica que ‘o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural’ ”. O gênero fantástico então compreende a narrativa com acontecimentos que não são possíveis no nosso mundo. O protagonista enfrenta um estranhamento inicial, porém logo ele aceita essas condições, assim como outras personagens da trama. Segundo Todorov (2007), quando o fantástico tem uma explicação científica, é classificado como ficção científica, e quando há uma explicação mágica, como nos contos de fada e na mitologia, é classificado como maravilhoso, como no caso da série *Harry Potter*. Apesar de que, de acordo com Pádua (2004), a seguinte regra nem sempre se aplica. Ela ainda cita:

Fantasia e ficção científica se diferem de diversas maneiras, e isso pode nos ajudar a definir o gênero. Uma das principais diferenças entre elas é de que as

narrativas fantásticas frequentemente acabam com o reestabelecimento da ordem, com o mal derrotado e o bem restaurado. A ficção científica frequentemente acaba com o estabelecimento de uma nova ordem, uma nova maneira de fazer as coisas, com a evolução para uma ordem superior. (2004, p.5, tradução minha)

Apesar das datas da popularização da literatura fantástica parecerem recentes, considerando o contexto de produção para o público infanto-juvenil, ressaltamos alguns autores que usavam a temática de magia, para percebermos como esse gênero é presente na literatura. Pádua (2004) destaca a personagem Fausto, mago que é personagem tanto de Christopher Marlowe (1564-1593) quanto de Wolfgang von Goethe (1749-1832). Ela também ressaltava Shakespeare (1564-1616), com seu mago Prospero na obra *The tempest*. Dentre os mais antigos, temos Merlin e Morgana, das histórias do rei Artur, com um de seus autores mais conhecidos Geoffrey de Monmouth (1095-1155).

Ainda de acordo com Pádua (2004), no século XIX a literatura fantástica já tinha diversas variações e era bem popular, sendo um grande sucesso comercial para autores como Lewis Carroll (*Alice no País das Maravilhas*) e Júlio Verne (*Viagem ao Centro da Terra*). Esse sucesso continuou no século XX, com autores como Tolkien (*Senhor dos Anéis*) e C.S. Lewis (*As Crônicas de Nárnia*), fazendo com que a literatura fantástica fosse uma grande influência cultural até os dias de hoje. No final do século XX e começo do XXI, J.K. Rowling trouxe os títulos da saga *Harry Potter*, que mais tarde foram adaptados para diversas mídias.

Sobre a definição de literatura infanto-juvenil, levo em consideração o estudo de Fernandes (2013). Ele se apoia na definição de Townsend (1980), que diz que a classificação de uma literatura como sendo adulta ou infanto-juvenil depende de como a editora a promove. Fernandes (2013) defende que as literaturas são, portanto, adotadas por certos públicos. Mesmo que algumas literaturas sejam feitas pensando em uma faixa etária, há casos em que pode haver a inversão dos públicos: adultos adotando livros destinados a crianças e vice-versa. Para citar alguns exemplos, no primeiro caso temos *Alice no país das maravilhas* (Carroll) e *O Hobbit* (Tolkien). No segundo caso, temos *Moby Dick* (Herman Melville) e *Robinson Crusoe* (Daniel Defoe). Por fim, ainda há o caso da literatura que agrada ambos os públicos, como no caso da série *Harry Potter*.

Por fim, gostaria de tentar esclarecer uma controvérsia ressaltada por Fernandes (2013), em relação à aparente falta de literalidade da literatura infanto-juvenil. Alguns autores alegam isso pois, como diz Fernandes, julgam partir dos padrões da literatura adulta. De acordo com Hunt (2001), a literatura infanto-juvenil, sendo destinada ao

público jovem, teria uma natureza imitadora, ou seja, as histórias imitam umas às outras em pontos como estrutura, cenários, personagens e linguagem. Ainda ressalta que ela é destinada ao público com experiência, conhecimento e prática de leitura limitados. Portanto, de acordo com Fernandes (2013), a aparente “falta de literalidade” é, na verdade, o atendimento a seu público-alvo.

Uma característica importante da literatura e sua dispersão com o público é o fenômeno da cultura de fã. Esse fenômeno, muito presente na literatura infanto-juvenil contemporânea, é cada vez mais facilitado graças a tecnologia. Em suma, uma cultura de identificação com uma determinada obra faz com que os fãs estejam muito mais ligados a tudo relacionado a ela. A tecnologia facilita a dispersão de notícias e a comunicação entre os fãs, o que aumenta o engajamento. Esse fenômeno é observado em várias obras de literatura infanto-juvenil atuais, incluindo a obra de Rowling.

## 1.2 – As narrativas para o público jovem e a cultura de fã

Sobre a desvalorização da literatura infanto-juvenil, julgada como tendo natureza escapista, cito Pádua (2004): “sob a superfície escapista, histórias fantásticas lidam com conflitos humanos reais, drama, decisões, e um modo de pensar que tem uma conexão real com o leitor” (2004, p.6, tradução minha). Portanto, apesar de não vivermos em um mundo onde a magia está presente no dia-a-dia, podemos nos identificar com os conflitos que as personagens de uma narrativa fantástica passam, já que são conflitos humanos. No caso de uma literatura infanto-juvenil, isso é de extrema importância para chamar a atenção do leitor. Os leitores mais jovens, passando por todos os problemas relacionados ao crescimento, podem achar conforto ao ler sobre suas personagens favoritas solucionando problemas similares aos seus. Por isso a literatura infanto-juvenil é tão popular entre esses leitores.

Alguns *fandoms* podem ser um pouco mais participativos ao mostrar o quanto gostam de uma determinada obra. Em algumas, como no caso da série *Harry Potter*, os fãs gostam de participar ativamente na criação de conteúdo, como analisado por Jenkins (2009) em *Cultura de Convergência*. Em seu capítulo falando sobre a série e sua repercussão na sociedade, ele começa destacando dois casos de conflitos da sociedade para com os fãs dos livros. No primeiro caso, a tentativa de alguns grupos de banir os livros, com a justificativa de que iria contra algumas vertentes religiosas por conta da

temática de bruxaria. O segundo está relacionado com a companhia que detêm os direitos de filmagem tentar censurar qualquer tipo de conteúdo feito por fãs, ou não-oficial.

Segundo Jenkins (2009), os livros foram muito importantes ao influenciar o letramento de vários jovens leitores. Se vírmos o letramento como a capacidade não só de ler, mas de escrever, e compararmos isso aos casos abordados, o primeiro caso seria relacionado ao direito de leitura, ou consumo do produto, e o segundo da escrita, ou expressão sobre o produto. Como não podemos considerar letrado alguém que apenas sabe ler e não escrever, podemos considerar um desserviço aos leitores restringir a eles o direito de ler e escrever sua obra, atrapalhando seu processo de letramento.

Sobre a participação ativa dos fãs na construção da obra, Jenkins (2009) cita o caso de Heather Lawver, uma garota de 13 anos que criou um jornal fictício (Daily Prophet<sup>2</sup>) para que ela e outras crianças pudessem escrever relatos de personas que criaram para viver no universo criado por Rowling. Para citar umas dessas criações, temos algumas descrições de perfis que os membros do Daily Prophet criaram para suas personas, como:

**Don Creevey**

Varinha: 13 polegadas, pau-brasil, pelo de unicórnio. A varinha foi devolvida quando deixei o Ministério da Magia, em boas condições.  
Casa de Hogwarts: Lufa-lufa

Fiquei muito feliz quando meus filhos, Colin e Dennis, se tornaram Grifinórios, porque eles poderiam ser amigos de Harry Potter. Meus pais foram da Lufa-lufa, e tiveram muita dificuldade, como eu tive. Meus garotos parecem estar se saindo melhor.

Ocupação: Comentarista de rádio de partidas locais de Quadribol, (chamados de jogos de basebol, localmente.) Os trabalhos são poucos, mas compensadores. O Ministério deu um jeito para que eu conseguisse o emprego—acham que me devem uma, já que o trabalho no Ministério custou minha saúde.

**Heather Lockhart**

Tipo de varinha: Pêlo de unicórnio, salgueiro, 10 polegadas.

Casa: Corvinal.

Olá! Meu nome é Heather Lockhart e sou aluna do quarto ano, em Hogwarts. Eu amo a aula de Poções, então estou escrevendo na seção de Poções no Profeta Diário. Sim, eu sou sobrinha do famoso Gilderoy Lockhart. Eu sou a melhor da minha turma e tenho muitos amigos. Eu amo escrever para o Profeta Diário e nunca desistiria de ser uma colunista. (Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20020604022557/http://www.dprophet.com/columnists.html>>. Acesso em 24 de julho de 2019. Tradução minha.)

---

<sup>2</sup> Profeta Diário. No caso, se refere ao nome do site, porém o nome foi extraído da série de livros, de um jornal bruxo com o mesmo nome.



Heather, que foi educada em casa, em pouco tempo já coordenava o site para mais de 100 participantes. Com este exemplo, podemos ver como a tecnologia e uma obra de literatura infanto-juvenil foram importantes para o engajamento de diversas crianças no desenvolvimento de seu letramento. Também vale salientar que, bem como as crianças criam identificação ao ler obras desse tipo, ao escrever esse tipo de conteúdo elas estão ainda mais imersas, pois não só se identificam, como se inserem na história através de um personagem.

Além do exemplo citado, o *fandom* da série aderiu a criação de conteúdo escrito em forma de *fanfiction*, que seria a escrita de um texto mais elaborado, como um romance ou conto, imerso no universo da obra escolhida:

Atualmente, a fanfiction pode assumir diversas formas – música, poesia, conto – reunindo todos os objetos ficcionais criados por fãs – songfic, shortfic, embora esteja muito mais relacionada à narrativa, sua forma mais comum, e mais frequentemente publicada na internet. (DOMINGOS, 2015, p.14)

Existem diversos sites especializados na escrita de *fanfictions*. A exemplo do *Sugar Quill*, a comunidade ainda conta com alguns leitores beta, ou seja, membros que vão ler a história inacabada e dar sugestões. Segundo Jenkins (2009), a aproximação que todos os membros têm com a obra faz com que os membros mais jovens se sintam mais à vontade para compartilhar seus escritos. Ele acrescenta:

Como a pesquisadora educacional Rebecca Black observa, a comunidade de fãs pode muitas vezes ser mais tolerante com erros linguísticos do que professores tradicionais em salas de aula, e mais generosa, ao possibilitar que o aprendiz identifique o que realmente está querendo dizer, porque o leitor e o escritor operam dentro do mesmo quadro de referências, compartilhando um profundo envolvimento emocional com o conteúdo que está sendo explorado. (JENKINS, 2009, p.260)

O fato de existirem membros de todas as idades que compartilham um interesse comum é importante para deixar os membros mais jovens mais à vontade para discutir seus escritos. Isso acaba sendo mais eficiente para o processo de letramento, pois desmistifica a figura do professor como detentor único do conhecimento, ou aquele que obriga os alunos a ler obras muito complicadas, que não despertam interesse. O fato de não haver uma obrigação acadêmica de excelência do texto também diminui a pressão dos jovens, como também suprime a necessidade dos membros que corrigem as obras de serem muito rígidos.

Foi nesse ambiente de *fandoms*, onde os fãs se dedicam a preencher espaços vazios ou tentam buscar interpretações para o que não foi explicado pela autora da obra, que surgiu a teoria da analogia dos personagens do conto com os da série de livros.

## 2- BREVE REFLEXÃO SOBRE OS ARQUÉTIPOS

Um dos temas centrais para os estudos de Campbell (2004) e Vogler (2007) é a Jornada do Herói. Embora não tenha a mesma importância quanto o conceito dos Arquétipos para o presente trabalho, ainda assim é importante que seja explorada, mesmo que superficialmente, para uma melhor compreensão dos Arquétipos. A importância do conceito da Jornada do Herói (ou Monomito) vem do fato de que ambos os conceitos, ou seja, este e do Arquétipo, estão intimamente ligados. É durante a Jornada do Herói que nos deparamos com os diversos tipos de Arquétipos.

Se pensarmos em uma história como *Harry Potter*, podemos observar tanto os Arquétipos quanto o Monomito. Harry (*Herói*) vive no mundo comum, até que é chamado para ingressar no mundo dos bruxos (mundo sobrenatural). Ele faz aliados e enfrenta pequenos desafios, até chegar o momento de enfrentar seu inimigo (*Sombra*). Ele sai vitorioso e consegue solucionar um problema que o afligia durante o ano letivo. Quando as aulas terminam, volta ao mundo comum, para que no ano seguinte sua aventura continue em uma estrutura parecida com a que foi descrita. Além de descrever alguns pontos do Monomito, não pude deixar de falar de alguns Arquétipos (*Herói* e *Sombra*). Isso porque estes são primordiais ao Monomito, pois a história acontece através dos personagens, ou Arquétipos. '

Do mesmo modo, não poderia descrever os Arquétipos sem citar sua função no Monomito. Por exemplo, temos o *Arauto*, que deve convocar o *Herói* para ingressar na aventura. Essa etapa é conhecida como Chamado para Aventura. A *Sombra*, por exemplo, tem sua função mais importante na parte da narrativa chamada Aproximação da Caverna Oculta. Podemos observar como esses termos são, portanto, interdependentes.

### 2.1. Monomito

O conceito da Jornada do Herói se baseia na ideia de que “[...]todas as histórias consistem em alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes.” (VOGLER, 2007, p.26). Em outras palavras, todas as histórias seriam iguais estruturalmente, seguindo um ciclo de etapas que, se forem analisadas em suas essências, pode-se observar que seguem essas mesmas etapas. Desse modo, o que torna as histórias únicas são as variantes dessas etapas, que apresentam possibilidades infinitas.

A jornada começa quando o *Herói* sai do mundo comum ao qual está acostumado para entrar em um mundo desconhecido, após receber o chamado a aventura. O papel de motivar o *Herói* a iniciar sua aventura geralmente fica a cargo do Arquétipo conhecido como *Arauto*. Considerando o contraste que o mundo comum e o mundo desconhecido têm para o *Herói* logo no começo, é normal em algumas narrativas existir o momento da recusa ao chamado, quando o *Herói* reluta em aceitar a aventura. Nesses casos, a narrativa pode criar uma segunda motivação para que o *Herói* aceite sua jornada. O papel do *Arauto* também pode ser desempenhado pelo *Mentor*, que é o arquétipo que guia o *Herói* em sua aventura.

Ao adentrar no mundo desconhecido, o *Herói* faz seus primeiros aliados e inimigos. Nessa fase as personagens são desenvolvidas. Ele também passa por seus primeiros desafios e aprende as regras desse novo mundo em que está ingressando. Após isso, ele se dirige para enfrentar seu inimigo em seu covil e conseguir obter o que busca nesse mundo. Essa fase, chamada de Aproximação da Caverna Oculta, geralmente inclui uma pausa das personagens para refletirem e se prepararem para a batalha.

Ao finalmente enfrentar seu inimigo, o *Herói* é testado ao seu limite. Neste momento a narrativa pode criar alguns elementos de tensão relacionados ao risco de morte das personagens. O *Herói* pode, nesse momento, enfrentar a morte, nem que seja uma morte simbólica, representada por uma grande mudança ou perda. Se sobreviver à morte literal, o *Herói* enfrenta uma ressurreição, o que ocasiona uma grande mudança para ele. Desse modo as conquistas passam a ter mais importância.

Vencido o inimigo, o *Herói* então sai do covil do inimigo, junto a suas conquistas, que podem ser desde objetos até coisas imateriais, como o conhecimento para resolver um problema. Ele enfrenta as consequências de sua aventura e entende que cedo ou tarde deverá regressar ao mundo comum. Pode haver um segundo momento de enfrentamento da morte nessa fase.

## 2.2. Arquétipos

Conforme a definição de Jung, arquétipos são “[...]personagens ou energias que se repetem constantemente e que ocorrem nos sonhos de todas as pessoas e nos mitos de todas as culturas”. (VOGLER, 2007, p.33). Esses arquétipos não são, como inferido, referências específicas para a literatura, mas refletem diferentes aspectos da mente humana. Eles podem ser um conceito usado para entender o propósito ou função dos

personagens em uma história. Essas funções são tão flexíveis que podem ser executadas temporariamente por uma personagem para que certos efeitos sejam alcançados na história, considerando que alguns aspectos podem ser usados como máscaras por uma personagem, como um vilão disfarçado de aliado. Os quatro tipos de arquétipos que serão importantes para esse trabalho são os que Vogler (2007) nomeou como *Herói*, *Mentor*, *Camaleão* e *Sombra*, que correspondem a Harry Potter, Dumbledore, Snape e Voldemort, respectivamente.

O *Herói* é o protagonista da história, com características universais e neutras, de modo a ser identificável ao maior número de leitores. Ele geralmente é o que mais cresce e agiu ao longo da narrativa, e também o que mais se sacrifica em prol dos outros. O *Herói* pode ainda enfrentar uma morte (literal ou simbólica) no final, de modo a representar grandes mudanças.

O *Mentor* é a figura guia do *Herói*, que lhe ensina e dá presentes, estes às vezes só conquistados após uma provação. Ele normalmente é uma figura parental e não está presente na luta em si com a *Sombra*, apesar de seus auxílios. Geralmente é uma figura anciã e sábia. Ele apresenta o caminho positivo que o *Herói* pode seguir e também não teme a *Sombra*, pois sabe que está tira suas forças do medo.

O *Camaleão* apresenta uma natureza enganadora, fazendo com que o *Herói* questione constantemente sua lealdade. Frequentemente muda de aparência ou atitude para enganar alguém.

A *Sombra* é a face oposta do *Herói*, representando a outra face deste, suas características reprimidas e que são julgadas como negativas. Além de ser o caminho negativo que o *Herói* pode optar, ainda representa um desafio ao mesmo. Ele tem como traços principais a tentação e destruição, mas sofre ruína ao deixar de inspirar medo.

### 2.2.1. Herói

O *Herói*, como muitas vezes é chamado o protagonista da história, representa o ego, ou a própria identidade do ser humano. É muito comum, principalmente na literatura infanto-juvenil, o *Herói* ter a personalidade mais universal se comparada a outras personagens, de modo a se tornar identificável com um maior número de leitores. A jornada que o *Herói* passa, onde conhece outras personagens como a *Sombra* ou o *Mentor*, pode ser considerado uma analogia para a jornada do ser humano ao se tornar um adulto.

Segundo Campbell (2004), tradicionalmente muitas culturas os ritos de passagem foram originalmente concebidos para facilitar algumas transições em eventos importantes da vida, como o nascimento, a passagem para a vida adulta e a morte. A vida humana pode ser dividida em duas fases: antes e depois da vida adulta. A primeira fase representaria o desafio da vida, enquanto a segunda representaria o desafio da morte. Como afirma o autor, “Os símbolos normais dos nossos desejos e temores transformam-se, nesse entardecer da vida, em seus opostos; pois, nesse ponto, já não é a vida, mas a morte, que constitui o desafio.” (CAMPBELL, 2004, p.12).

Outros personagens também podem ser interpretados como fragmentos do *Herói*, como também da psique humana:

O propósito dramático do herói é dar à platéia uma janela para a história. Cada pessoa que ouve uma história ou assiste a uma peça ou filme é convidada, nos estágios iniciais da história, a se identificar com o Herói, a se fundir com ele e ver o mundo por meio dos olhos dele. Para conseguir fazer isso, os narradores dão a seus heróis uma combinação de qualidades que é uma mistura de características universais e únicas.

Os heróis têm qualidades com as quais todos nós podemos nos identificar e nas quais podemos nos reconhecer. São impelidos pelos impulsos universais que todos podemos compreender: o desejo de ser amado e compreendido, de ter êxito, de sobreviver, de ser livre, de obter vingança, de consertar o que está errado, de buscar auto-expressão.

As histórias nos convidam a investir no Herói uma parte de nossa identidade pessoal, enquanto dura a experiência. Em certo sentido, durante algum tempo, nós nos transformamos no Herói. Projetamo-nos na psique do Herói, vemos o mundo com seus olhos. Os Heróis precisam ter algumas qualidades admiráveis, para que queiramos ser como eles.” (VOGLER, 2007, p.53)

O *Herói*, portanto, deve ter uma personalidade universal, de modo a ser facilmente identificável com a maioria das pessoas, tendo algumas qualidades universais, desde as boas, como o desejo de ser amado, como as ruins, como a vingança. Apesar disso, as qualidades boas normalmente são mais numerosas que as ruins, para que queiramos ser como ele. Desse modo, o autor convida o leitor a ver a história pelos olhos dessa personagem.

Se compararmos Harry a outras personagens, podemos ver que estas normalmente têm características mais marcantes. Hermione é estudiosa, Rony é engraçado, Neville é atrapalhado. Enquanto isso, Harry pode até demonstrar essas características em certos momentos, mas não de forma que definam sua personalidade. Ele também apresenta, como citado, o desejo de ser amado e compreendido, de ter êxito, de sobreviver, de ser livre, de obter vingança, de consertar o que está errado, de buscar auto expressão. Estas

características são, porém, comuns em muitas pessoas e personagens. Ou seja, suas características marcantes não definem uma personalidade única, mas universal.

Outras características importantes para o *Herói* são o crescimento e a ação. Esse arquétipo representa a personagem que mais cresceu e aprendeu durante a história, bem como aquela que é mais ativa e que está disposta a fazer sacrifícios em prol de seus aliados. No que concerne ao sacrifício, o *Herói* ensina a lidar com a morte, mesmo que ele enfrente apenas uma morte simbólica. Considerando o que Campbell (2004) afirma sobre os desafios da vida e da morte, o *Herói* representaria o segundo, que pode ser interpretado através da morte heroica do *Herói*, mas também com os sacrifícios e uma morte simbólica. Nessa última, podemos interpretar como quando o *Herói* sofre uma grande transformação após sofrer uma grande perda. Harry está sempre no centro da ação, principalmente no final de cada livro, quando na maioria das vezes enfrentou a *Sombra*. Considerando que essa personagem passa por tantas experiências, é de se esperar que passe pelo maior crescimento.

Do mesmo modo que todos os outros arquétipos podem se manifestar no *Herói*, o heroísmo não é um traço exclusivo dele. Como dito anteriormente, os arquétipos podem ser usados como máscaras temporárias por outros, como por exemplo, na saga escrita por Rowling, no caso do personagem Severo Snape, que se enquadra no arquétipo de *Camaleão*, foi visto diversas vezes pelo *Herói* como *Sombra*, porém, no final, revelou que exerceu feitos heroicos muito importantes durante toda a história.

Tornou-se muito comum na literatura infanto-juvenil os protagonistas serem órfãos. Harry Potter, já inicia a história desse modo. De acordo com Vogler (2007), a subtração da unidade familiar, desencadeia a energia nervosa do *Herói*, que o motivará a restaurar esse equilíbrio, seja com a restauração da família ou a criação de uma nova. Isso faz parte da recriação da personalidade do *Herói*. Geralmente apresentado alguns defeitos no início, a jornada que ele passa pode ser para consertar algumas falhas de caráter ou preencher algum vazio que falta, como no caso da subtração familiar ou como, em histórias românticas, quando o protagonista procura uma amada.

É importante ressaltar que o processo de transformação pessoal não é exclusivo da figura do *Herói*. Através da exemplificação da obra de Rowling, Pádua (2004) ressalta que “o arco da história na série *Harry Potter* é sobre a transformação pessoal de Harry, tanto quanto as histórias de Dumbledore e Voldemort são histórias de transformações pessoais, e todos seguem o caminho do mago” (Pádua, 2004, p.38, tradução minha).

### 2.2.2. Mentor

O *Mentor* é a figura que guia o *Herói* em sua aventura. Segundo Vogler (2007), ele representa o que o *Herói* pode se tornar se seguir este caminho. Psicologicamente, o *Mentor* representa o *self*, ou seja, nossa parte mais sábia e nobre, o aspecto da personalidade que está em todas as coisas.

Ele geralmente representa uma figura paterna ou materna. Esse aspecto contribui para a aproximação com o *Herói* que, como mencionado anteriormente, geralmente é órfão. Sua função principal como guia é ensinar e dar presentes ao *Herói*. Algumas vezes os presentes só são conseguidos após o *Herói* passar por alguma provação.

A função de guia do *Mentor* normalmente acontece antes da aventura, porém, em um paralelo com a vida, nossos pais ou mentores não podem estar presentes conosco em todos os momentos, pois o *Herói* deve ser orientado até estar apto para enfrentar sua aventura. Como no exemplo da saga analisada, a ajuda de Dumbledore a Harry vem em alguns conselhos ao longo do caminho, mas durante a ação em si, em muitas ocasiões, o *Mentor* não ajudou o *Herói*, ao menos não diretamente. Apesar de ele ter provido ajuda através de presentes durante a batalha com o vilão, em alguns momentos, ele não esteve presente diretamente em batalhas ao lado do *Herói* até o quinto livro, em sua batalha contra Voldemort para salvar Harry. Dentre essas ajudas, no primeiro livro, *A Pedra Filosofal* (2000), ele faz com que a Pedra Filosofal chegasse a Harry, que foi essencial para derrotar Voldemort, bem como no segundo livro, *A Câmara Secreta* (2000), quando enviou a Fênix com o Chapéu Seletor, sem os quais o protagonista não teria sobrevivido.

Um momento marcante da saga é a conversa que Dumbledore tem com Harry ao final de cada livro, onde ele, como Velho Sábio (denominação de Campbell para *Mentor*), esclarece algumas dúvidas do *Herói* e provê mais alguma ajuda necessária para o fechamento da história. Como exemplo, no caso do terceiro livro, *O Prisioneiro de Azkaban* (2000), quando Dumbledore dá a dica a Hermione sobre o Vira-Tempo (objeto em forma de colar que faz o usuário voltar no tempo), que foi um elemento-chave para salvar duas personagens no final da história.

Ao analisar o arquétipo do Mago e suas variantes, Pádua (2004), apoiada também nos estudos de Jung, caracteriza o *Wise Old Mage* (Velho Mago Sábio) como uma variação sobrenatural do *Mentor*, ou Velho Sábio. Ela acrescenta que, além de dar presentes e conselhos, o Velho Mago também costuma intervir em momentos de perigo



ou para corrigir o erro do outro arquétipo nomeado Mago Aprendiz. Ela também conclui que:

A imagem estereotipada que temos hoje do arquétipo [Velho Mago Sábio] é do Europeu. O Velho Mago Sábio pode ter sessenta anos ou mais, se for um ser humano; e mil anos, se for um ser sobrenatural. Ele muitas vezes usa um robe longo, frequentemente cinza, preto, vermelho ou branco. Ele também pode usar um chapéu longo e pontudo, e pode carregar um bastão mágico. Alguns velhos bruxos são criaturas sobrenaturais que escolheram assumir a forma humana. Ele frequentemente é retratado como misterioso, com vasto conhecimento de idiomas, culturas e raças.

O Velho Mago Sábio é caracterizado como a versão medieval de um diplomata. Ele aparece e desaparece de forma inesperada, e aparece quando o herói está em perigo, precisando de conselhos, em algum momento da jornada. Ele age prontamente quando percebe que as pessoas precisam de orientação. De acordo com o Ciclo do Herói de Campbell, esses magos já se tornaram iluminados; são seres realizados. (PÁDUA, 2004, p.33, tradução minha)

Em relação ao Mago Sombrio, enquanto este tem sua fonte de poder no medo que causa, o Velho Mago tira seu poder de sua própria falta de medo e do conhecimento sobre a fonte de poder do Mago Sombrio. Em relação ao Aprendiz, o Velho Mago é visto como uma figura misteriosa, que não dá informações de forma clara, de modo a estimular o Aprendiz a pensar por si mesmo.

### 2.2.3. Camaleão

Apesar de os arquétipos serem máscaras usadas por personagens, que podem ser tiradas e substituídas a qualquer momento, existe um arquétipo que tem por função apresentar uma personalidade dúbia. O *Camaleão*, no original *Shapeshifter* (em uma tradução literal, “muda-forma”) faz o *Herói* questionar constantemente sua lealdade, e muda de aparência ou humor. Desse modo, durante a maior parte da narrativa, seu verdadeiro arquétipo é desconhecido pelo *Herói*. O *Camaleão* tem a função dramática de trazer dúvida e suspense a história.

No caso da personagem Snape, sua lealdade é questionada ao longo e toda a saga, porém apenas no final é revelada sua verdadeira identidade. Segundo Vogler:

Um célebre Camaleão da Odisséia é o deus do mar, Proteus, "o Velho do Mar". Menelau, um dos heróis que estão voltando da Guerra de Tróia, aprisiona Proteus numa armadilha, para extrair dele uma informação. Proteus transforma-se num leão, numa cobra, numa pantera, num javali, em água corrente e numa árvore, em suas tentativas de escapar. Mas Menelau e seus homens agüentam firmes, até que Proteus volte a sua verdadeira forma, acabe cedendo, e forneça as respostas às perguntas de Menelau. A história ensina que, se os heróis forem pacientes com o Camaleão, a verdade acaba aparecendo. (VOGLER, 2007, p.81)

O fato de ser necessário ter paciência para que a verdade do Camaleão fosse revelada foi um momento-chave para o desenvolvimento final da história. A revelação que Snape estava lutando ao lado do protagonista só se deu após sua morte. O fato de Snape amar Lílian e lutar contra Voldemort acabou sendo uma peça chave na luta de Harry contra sua *Sombra*.

#### 2.2.4. Sombra

A *Sombra* (equivalente ao vilão) representa todas as características que julgamos como negativas e estão, portanto, dormentes em nossa psique. Esses sentimentos reprimidos podem algumas vezes aparecer e tentar nos destruir. Apesar de seu valor negativo, a *Sombra* é importante para o desenvolvimento do *Herói*, que vê em seu inimigo um desafio a ser vencido, motivando-o a se tornar mais forte. A *Sombra*:

[...]funciona dentro do indivíduo como um receptáculo para desejos e sentimentos não expressos. É uma energia que se acumula quando falhamos em honrar nossos talentos, seguir o chamado de nossas musas ou viver conforme nossos princípios e ideais. Ela possui uma força enorme, porém sutil, operando em níveis profundos para se comunicar conosco, talvez sabotando nossos empenhos, perturbando nosso equilíbrio até nos darmos conta da mensagem que esses eventos trazem — que devemos expressar nossa criatividade, sua verdadeira natureza, ou morrer. (VOGLER, 2007, p.22)

Do mesmo modo que o *Mentor* representa o caminho positivo que o *Herói* pode vir a tomar, a *Sombra* seria o oposto. Ou seja, se o *Herói* sucumbir a suas neuroses e psicoses, pode vir a ser corrompido pela *Sombra*. Segundo Vogler (2007), “quando o protagonista está paralisado pelas dúvidas ou pela culpa, age de modo autodestrutivo, manifesta vontade de morrer, se deixa inebriar pelo sucesso, abusa do poder ou se torna egoísta em vez de se dispor ao sacrifício, está tomado pela *Sombra*. ” (VOGLER, 2007, p.84)

Pádua (2004) nos traz em sua dissertação a figura do *Dark Mage* (Mago Sombrio). Basicamente, a autora diz que essa figura apresenta uma ou ambas dessas características: a tentação, ao tentar seduzir os mocinhos para seu lado, e a destruição, quando usa do medo para controlar outras pessoas. O Mago Sombrio vive do medo, e é derrotado quando não consegue mais inspirá-lo. Ele normalmente está no mesmo nível de poder do Velho Mago Sábio, apesar de não se limitar pela moral, e representar um desafio para o Aprendiz. O Mago Sombrio representa o desafio para o Aprendiz, sendo mais forte que seus subordinados. Ele também é o senhor de uma terra de terror, constantemente

destruída e reconstruída. A narrativa geralmente se inicia quando o Mago Sombrio reúne seus aliados para um conflito com as forças do bem, quando foi derrotado temporariamente.

### 3 – HARRY POTTER E O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS: UMA APROXIMAÇÃO ARQUETÍPICA

Como mencionado, as personagens da série de livros *Harry Potter*, sendo elas, Harry, Snape, Voldemort e Dumbledore, representam, nesta leitura, respectivamente os personagens do *Conto dos três irmãos*, o primeiro, segundo e terceiro irmãos e a Morte. Essa teoria foi desenvolvida de modo a apenas trazer algumas características e feitos dos personagens para compará-los. Nesse trabalho, trago o conceito de Arquétipos para fazer uma análise aprofundada de todos esses personagens. Se considerarmos que, como defende Campbell, todas as histórias têm personagens comuns, podemos aplicar essa teoria a essas histórias.

#### 3.1. Os irmãos, as relíquias, os arquétipos: uma leitura do conto

Considerando a cultura de fã que se originou ao redor da série de livros, podemos considerar a teoria da analogia do *Conto dos três irmãos* com os personagens da saga como um tipo de *fanfiction*. Isso é, uma demonstração de como os fãs tentam preencher uma lacuna deixada pela autora. Apesar de não confirmar, Rowling, ao ser perguntada sobre a teoria, diz que ela é plausível:

Abbie Owen-Jones: @jk\_rowling Qual é sua teoria de fã favorita?  
 Rowling: Dumbledore como a Morte. É uma linda teoria e faz sentido.  
 (Disponível em:  
[https://twitter.com/jk\\_rowling/status/634666937990152192?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed&ref\\_url=https%3A%2F%2Fd-1286264291355314000.ampproject.net%2F1907152257550%2Fframe.html](https://twitter.com/jk_rowling/status/634666937990152192?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed&ref_url=https%3A%2F%2Fd-1286264291355314000.ampproject.net%2F1907152257550%2Fframe.html). Acesso em 25 de julho de 2019. Tradução minha.)

O *Conto dos três irmãos* é apresentado no último livro da série *Harry Potter*, em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (Rowling, 2007). No livro, Hermione herda de Dumbledore uma cópia de *Os contos de Beedle, o Bardo*. Ela, Harry e Rony acreditam que pode ser uma pista para lutar contra Lorde Voldemort, porém não sabem exatamente o que significa. Nesse livro, esse trio é obrigado a se esconder do Lorde das Trevas, até que chega o momento em que decidem descobrir o que são as Relíquias da Morte. Para isso, vão à procura de Xenifílio Lovegood, pai de sua amiga Luna, que já havia falado sobre as Relíquias. Ele diz que pertence a um grupo que acredita que as Relíquias presentes no conto, a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressureição e a Capa da

Invisibilidade, não são meros elementos da história, mas artefatos reais. É concluído que Voldemort está em busca da Varinha das Varinhas, que é considerada a varinha mais poderosa que existe.

Ao pensarmos na estrutura do *Conto dos três irmãos* a partir da estrutura do Monomito, observamos que os irmãos estavam viajando (mundo comum) até que se deparam com a *Morte* que, com seu desafio, os chama para entrar em um mundo sobrenatural. Vale ressaltar que o mundo comum desses irmãos já é repleto de magia, já que são bruxos. O fato de encararem uma personificação da morte é, portanto, o fator estranho que os leva para o mundo sobrenatural. Ao pedirem os presentes, os personagens são desenvolvidos, pois o presente que cada um pede mostra sua personalidade. Ao se separarem, cada um estará entrando em seu próprio covil do inimigo, onde será testado. O irmão sobrevivente pôde aproveitar do presente (a Capa), até que chegou o momento de sua morte.

Considerando o universo em que está inserido, o conto só pode se encaixar na categoria do maravilhoso, pois a sua explicação estaria na magia e mitologia. Mesmo que não consideremos a magia como mitologia nesse universo, já que a magia naquele contexto é o real, ainda há a presença da mitologia quando o conto tenta falar sobre a morte, assunto que os bruxos do universo de Rowling dominam tanto quanto nós. O conto ainda mantém a característica principal de um conto de fadas, que é de ensinar uma lição de moral. Considerando ser o último conto da coletânea de Beedle, poderíamos atribuir essa localização ao fato de que essa é a lição mais importante, de acordo com a autora. Isso é reforçado pela sua presença na série de livros, ao contrário dos outros, que são apenas mencionados. Um ponto curioso seria que a coletânea tem de fato um autor, o que é relativamente incomum para contos tão antigos.

Para fazer a ligação das personagens do conto com as personagens da série, é interessante analisar as primeiras a partir da perspectiva dos arquétipos. O primeiro irmão, descrito primeiramente como um homem que gosta de combates, pediu um item que lhe tornasse invencível, o que de certo modo humilharia a Morte no sentido de que o irmão dificilmente morreria com uma varinha tão poderosa. Em um segundo momento, após se separarem, o irmão se mostrou arrogante e covarde, pois não satisfeito de ganhar um duelo no qual tinha uma vantagem desconhecida de seu inimigo, ele ainda se vangloriou disso, o que causou sua morte.

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! (ROWLING, 2008, p. 52)

Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a Morte levou o primeiro irmão. (ROWLING, 2008, p. 53)

Ao compararmos o irmão com a *Sombra*, primeiramente devemos ver que, nesse caso, o primeiro irmão não é uma *Sombra* do terceiro irmão, como se espera desse Arquétipo, que normalmente faz oposição ao *Herói*. Se pensarmos na *Sombra* como alguém que faz oposição a outro alguém, veremos que o primeiro irmão é a *Sombra* da Morte, pois está contra ela. Considerando isso, também podemos observar a natureza destrutiva da *Sombra* no irmão em questão, ao se dirigir ao seu inimigo para aniquilá-lo apenas para sua satisfação pessoal. Na perspectiva de Pádua (2004), ele ainda é um Mago Sombrio, pois criou uma terra de terror ao matar uma pessoa, porém essa terra foi reconstruída quando seu assassino não teve medo dele e o matou. O irmão deixou de inspirar medo, o que foi o suficiente para sua ruína.

O segundo irmão, descrito primeiramente como um homem arrogante, conseguiu seu item e foi tentar usufruir dele. Mesmo se pensarmos no primeiro irmão como arrogante, eles são diferentes, pois o segundo irmão não buscou prejuízo de outros, apenas um benefício próprio, ainda que egoísta. Ao usar a Pedra, ele foi surpreendido por sua falecida amada, porém esta não estava viva de verdade. Seu desespero para estar perto da pessoa que mais amava fez com que a Morte não fosse um obstáculo para ele, desde que pudesse se juntar à moça.

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos. (ROWLING, 2008, p. 52)

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele.

Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela. Assim, a Morte levou o segundo irmão. (ROWLING, 2008, p.53)

Ao compararmos o irmão com o *Camaleão*, é interessante pensar nas mudanças que o irmão passa na história. Ele é descrito como arrogante, alguém que se acha melhor do que os outros. Não esperaríamos que ele se curvasse a ninguém, a exemplo de quando tenta humilhar a Morte. Porém, sua amada é suficiente para que essa fachada se quebre, já que a saudade mostra um homem quebrado por conta de um amor não concretizado. Isso faz com que ele abandone sua arrogância e se entregue à Morte para ter a única coisa que importa de verdade para ele.

O terceiro irmão foi descrito como o mais sábio e também o mais humilde, o que difere drasticamente dos outros irmãos. Além disso, ele não confiou na Morte, achando que essa generosidade era estranha e que poderia prejudicá-lo no futuro, caso ele tentasse ser mais esperto que ela. Por isso, seu objetivo era apenas escapar, e não se aproveitar. Isso fez com que ele fosse o único que tivesse sucesso ao escapar da Morte naquele momento, pois morreu muito tempo depois. Ainda ressalto seu altruísmo, pois passou a Capa a seu filho, para que este pudesse se proteger da Morte até que sua hora chegasse.

Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade. (ROWLING, 2008, p. 52)

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida. (ROWLING, 2008, p.53)

Ao compará-lo com o *Herói*, vemos que ele pensa no benefício dos seus aliados. Ele é o ego, aquele que é distinto do resto do grupo, em termos psicológicos, segundo Vogler (2007). Ele ainda possui características boas, as quais Rowling nos faz deduzir que são as corretas a serem seguidas, como o *Herói*.

Um dos aspectos que Vogler (2007) ressalta do *Herói* é quando ele lida com a morte. No caso, é interessante observar como esse aspecto foi tratado no conto de forma literal, já que os irmãos enfrentaram um ser físico que representa a morte. Se considerarmos a Morte com o *Mentor*, ou seja, aquela que queria ensinar uma lição, temos uma batalha de sabedoria. O irmão que usou melhor da sabedoria foi o único que sobreviveu.

Os Heróis nos ensinam a lidar com a morte. Eles podem sobreviver, provando que a morte não é tão dura. Podem morrer (ainda que simbolicamente) e renascer, provando que ela pode ser transcendida. Podem morrer uma morte

de Herói, quando transcendem a morte, ao oferecer suas vidas por uma causa, um ideal, um grupo. (VOGLER, 2007, p.55)

Um aspecto que pode provocar confusão ao analisarmos o aspecto do *Herói* no terceiro irmão é o fato de ele não sofrer grandes mudanças, mesmo que isso seja um dos traços do *Herói*. Apesar disso, podemos encaixá-lo no subtipo *Herói* catalisador.

Um certo tipo de Herói constitui uma exceção à regra que diz que o herói é, geralmente, o personagem que sofre a maior transformação. São os Heróis catalisadores, figuras centrais que podem agir heroicamente, mas que não mudam muito, porque sua função principal é provocar transformações nos outros. Como um catalisador em química, sua presença provoca uma mudança no sistema, mas eles não mudam. (VOGLER, 2007, p.60)

Por fim, a Morte desempenhou claramente o papel de dar presentes logo em sua aparição, sendo esse aspecto muito importante para o desenvolvimento da história. Ela ainda fez isso para tentar ensinar uma lição aos irmãos. É interessante notar como ela deu um objeto próprio apenas para o terceiro irmão, como se quisesse diferenciá-lo, de certo modo.

### 3.2. O entrecruzar de narrativas: conexões entre os irmãos e as personagens de Harry Potter:

Para analisarmos as personagens apresentadas nos livros, devemos primeiro lembrar de como são apresentadas ao longo da saga. Harry Potter ficou órfão quando tinha um ano de idade, após Voldemort assassinar seus pais. Foi criado pela tia materna e seu marido trouxas (humanos não-mágicos), que o desprezavam porque odiavam tudo relacionado a magia. Aos onze anos foi chamado para ingressar na escola de magia e bruxaria de Hogwarts, onde finalmente começou a aprender sobre sua origem mágica. Ele foi marcado pela fama de ter derrotado o Lorde das Trevas quando era um bebê, já que foi o único de sua família a sobreviver o ataque que resultou na morte de seus pais. Em Hogwarts, conheceu vários amigos, como Rony e Hermione. Apesar de ter sido derrotado, Voldemort continuou tentando se reerguer, o que resultou em alguns conflitos com o protagonista ao longo dos sete livros.

Voldemort, que nasceu com o nome de Tom Riddle, é filho de Mérope Gaunt, uma bruxa que se apaixonou por um trouxa, e que, para ficar com ele, o enfeitiçou com uma poção do amor. Quando ela parou de dar a poção a Tom Riddle pai, ele a largou e ela ficou desamparada. Acabou deixando o filho em um orfanato trouxa, onde ela morreu



no parto. Voldemort cresceu amargo, e ao descobrir que era um bruxo, começou sua busca por poder. Nutria um ódio por trouxas, e reuniu seguidores para que pudesse se tornar o bruxo mais poderoso e eliminar todos aqueles que não fossem puro-sangue (com várias gerações de bruxos na família).

Severo Snape era filho de uma mãe bruxa e pai trouxa, que também não gostava de bruxaria, vivendo em um lar cheio de conflitos. Era vizinho de Lílían Evans, mãe de Harry, quando criança, e estes foram para Hogwarts juntos. Snape, que já nutria um amor por Lílían, se viu separado dela ao ser posto na Sonserina e ela na Grifinória. Ele passou a ser alvo de bullying de Tiago Potter, pai de Harry, e seus amigos. Com o tempo, a amizade entre ele e Lílían acabou e ela se casou com Tiago. Severo se juntou ao Lorde Voldemort, mas passou a trabalhar como espião para Dumbledore após Voldemort assassinar Lílían.

Alvo Dumbledore vem de uma família bruxa, porém passou por muitos problemas, como o fato da irmã ter um certo trauma com magia e do pai ter sido preso. Após a morte de sua mãe, teve que cuidar dos irmãos, Ariana e Aberforth. Também iniciou uma amizade com Grindelwald, que se tornou o bruxo das trevas daquela época, fazendo com que Dumbledore tivesse que lutar contra ele. Um conflito entre Dumbledore, Aberforth e Grindelwald resultou na morte de Ariana, afastando os dois irmãos. Ao longo dos vários anos que viveu, realizou muitos feitos e se tornou um dos bruxos mais respeitados de sua época. Se dedicou a Hogwarts e a luta contra Voldemort, causa pela qual morreu.

Uma das conquistas de Dumbledore foi a Varinha das Varinhas, que conquistou ao derrotar Grindelwald. Considerando que a Varinha é passada para o bruxo que derrota o dono anterior, Voldemort assumiu que, como Snape havia matado Dumbledore, a varinha pertencia a Snape, então Voldemort assumiu que deveria matar Snape para ter a posse da Varinha. Na verdade, o erro estava no conceito de derrota. No momento da morte de Dumbledore, a execução por Snape já havia sido combinada por ele e Dumbledore. Portanto Snape não o havia derrotado. O que ocorreu de fato foi que, logo antes disso, Draco Malfoy desarmou Dumbledore, fazendo com que Draco se tornasse dono da Varinha. Posteriormente, Harry derrotou Draco, se tornando então o senhor da Varinha. A Varinha, pertencendo a Harry, mesmo nas mãos de Voldemort, se recusou a matar seu senhor, fazendo com que Voldemort morresse ao tentar matar o verdadeiro senhor da Varinha.

### 3.2.1.Voldemort e o primeiro irmão

*Sombra* é uma denominação conveniente para Voldemort por causa de sua dualidade com Harry. Eles tiveram origens similares e, nesse caso, ser o *Herói* ou a *Sombra* é uma questão de escolha. Eles compartilham um passado similar, sofrendo dores similares, como o exemplo de serem órfãos e terem potenciais excepcionais para a magia. Porém, as escolhas que fizeram é que definiram se seriam *Herói* ou *Sombra*. A dualidade e escolha são bem representadas nessa passagem de *Harry Potter e a Câmara Secreta* (2000), um diálogo entre Harry e Dumbledore:

- Então eu deveria estar na Sonserina – disse, olhando desesperado para Dumbledore. – O Chapéu Seletor viu poderes de Sonserina em mim, e...
- Pôs você na Grifinória – completou Dumbledore, serenamente. – Ouça, Harry. Por acaso você tem muitas das qualidades que Salazar Sonserina prezava nos alunos que selecionava. O seu dom raro de falar a língua das cobras, criatividade, determinação, um certo desprezo pelas regras – acrescentou, os bigodes tremendo outra vez. – Contudo, o Chapéu Seletor colocou você na Grifinória. E você sabe o porquê. Pense.
- Ele só me pôs na Grifinória – disse Harry com voz de derrota – porque pedi para não ir para a Sonserina...
- Exatamente – disse Dumbledore, abrindo um grande sorriso. – O que o faz muito diferente de Tom Riddle. São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades. – Harry ficou sentado na poltrona, atordoado. (ROWLING, 2000, p. 187)

O Chapéu Seletor, objeto que seleciona os aprendizes de Hogwarts para sua casa (um dos quatro grupos em que os aprendizes são divididos na escola de acordo com alguns traços de personalidade) pretende enviar Harry para Sonserina, que é conhecida por formar bruxos do mal, fazendo com que Harry deseje não ser enviado para lá. No trecho é ressaltado que desde o início de sua jornada lhe foi dada uma escolha, mesmo que ele se assemelhe a *Sombra*.

Ainda sobre a dualidade de Harry e Voldemort, Pádua (2004) ressalta que “Lorde Voldemort lidou com seus problemas de infância de maneira destrutiva, enquanto Harry lidou com isso de maneira construtiva[...]” (p.59, tradução minha). Se compararmos isso a como os respectivos irmãos utilizaram dos presentes dados pela Morte, podemos ver que o primeiro escolheu usá-la de modo destrutivo, enquanto o terceiro de modo construtivo. Apesar de a Varinha ser feita para demonstrar poder e a Capa para proteger, se os objetos fossem trocados, ainda poderiam ser usados para os propósitos inversos, o que só depende de quem usa o objeto. O terceiro irmão não usaria a Varinha para impor poder, do mesmo modo que o primeiro irmão usaria a Capa para impor esse poder. Do

mesmo modo, Harry não se tornou mal por conta de ter uma infância difícil, ao contrário de Voldemort.

Como o primeiro irmão (seu ancestral por parte de pai), Voldemort é egoísta, arrogante e ganancioso. Um dos principais erros do primeiro irmão foi não tomar cuidado com os perigos em sua volta, pois ele acreditou ter se tornado invencível. A Varinha das Varinhas que ele possui é, de fato, um objeto poderoso, mas ele mesmo não havia se tornado mais forte. Nesse aspecto, Voldemort foi mais cuidadoso, pois ele usou a magia negra conhecida como Horcrux para dividir sua alma e deixá-la em objetos. Desse modo, se seu corpo morresse, ele poderia usar um dos objetos para obter outro corpo. Seus esforços não foram suficientes, pois as Horcruxes falharam em um ponto crucial. Ao tentar matar Harry no final do sétimo livro, ele só conseguiu destruir uma de suas Horcruxes, que foi colocada sem intenção dentro de Harry quando Voldemort tentou assassiná-lo quando bebê.

O outro principal erro que Voldemort cometeu, que levou a sua morte, foi causado (como no caso do primeiro irmão) pela Varinha das Varinhas. A Varinha foi passada pelas gerações para o bruxo que derrotava seu dono anterior. Por ter errado em assumir quem era o antigo dono da Varinha, Voldemort assassinou Snape para se apossar da Relíquia (a Varinha), quando ela na verdade pertencia a Harry. Com isso, quando ele tentou matar Harry no duelo final enquanto a empunhava, ela se recusou a matar seu verdadeiro dono, e Voldemort morre no duelo.

Esses dois erros foram ambos causados, principalmente, por arrogância e descuido. Como o vilão tinha a certeza de que era invencível, nesses momentos abaixou a guarda, levando ambas as ações a contribuir para sua derrota. No conto, podemos traçar uma analogia da arrogância de Voldemort, quando este induz Harry a ir para a Floresta Negra durante a Batalha de Hogwarts para matá-lo, com o duelo do primeiro irmão e seu inimigo. Em ambos os momentos, os adversários não podiam se defender: o rival do irmão por desconhecer o poder superior da Varinha, e Harry por não poder reagir já que seus aliados estavam na mira do Lorde das Trevas, levando o protagonista ao sacrifício, como se espera do *Herói*. Esses momentos destacam especificamente a arrogância de ambos os personagens, o primeiro irmão e Voldemort.

O descuido vem no momento do conto em que o irmão dorme e é assassinado, e na saga quando Voldemort falha em identificar o verdadeiro dono da Varinha. Ambos os erros foram descuidos causados por arrogância, que se revelaram fatais. Segundo Pádua (2004), essas falhas também estão associadas ao fato de que Voldemort distorce a Jornada

do Mago ao achar que a habilidade mais importante estaria no poder, porém essa Jornada é intelectual.

### 3.2.2. Snape e o segundo irmão

O segundo irmão ressuscitou sua amada e era tão ambicioso quanto o primeiro irmão. Mesmo que Snape nunca tivesse tentado ressuscitar Lílian Potter (a mãe de Harry), no final da história estava claro que ele a amava profundamente. Por esse amor, ele tentou proteger Harry, se expondo a inúmeros perigos, enquanto espionava Voldemort para Dumbledore.

Considerando Snape como *Camaleão*, apesar de ele não mostrar uma das características do Arquétipo, ou seja, a mudança de aparência ao revelar sua verdadeira natureza, ele ainda apresenta a característica do questionamento sobre sua lealdade. Ele teve que usar a máscara de *Sombra* para que pudesse enganar a verdadeira *Sombra*, mas no final ele era realmente aliado do *Herói*.

– Potter! – disse Snape de repente. – O que eu obteria se adicionasse raiz de asfódelo em pó a uma infusão de losna?

*Raiz do quê em pó a uma infusão do quê?* Harry olhou para Rony, que parecia tão embatucado quanto ele; a mão de Hermione se ergueu no ar.

– Não sei, não senhor – disse Harry.

A boca de Snape se contorceu num riso de desdém.

– Tsc, tsc, a fama pelo visto não é tudo. (ROWLING, 2000, p. 80)

Esse trecho é o primeiro diálogo de Harry com Snape, durante a primeira aula de Poções do protagonista. Em vários momentos dessa cena, Snape tenta destacar o pouco conhecimento de Harry sobre a matéria, pois considera que Harry seria arrogante como o pai, e quer humilhá-lo. Nesse trecho específico, o que parece mais uma pergunta comum, demonstrou ter um valor simbólico. Segundo o site Adorocinema:

O usuário do tumblr [tomhiddles](https://www.tumblr.com/tomhiddles) descobriu algo impressionante! De acordo com a Victorian Flower Language (algo como Enciclopédia Vitoriana das Flores, na tradução), "asfódelo" é um tipo de lírio (lily, em inglês - o apelido da mãe de Harry) e significa "meus arrependimentos seguem você até o túmulo". Já "losna" quer dizer "ausência" e tipicamente simboliza amarga tristeza. Se combinarmos os dois significados, a frase de Snape na verdade seria: "Eu me arrependo amargamente da morte de Lily". (Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-117349/>. Acesso em 14 de agosto de 2019).

Ainda segundo o site, asfódelo já foi considerado cura para mordidas de cobra. Voldemort apresentou uma aparência ofídica quando retomou seu corpo, além de ter uma cobra de estimação. Podemos dizer, então que ele seria a cobra. Portanto, Lílían estava protegendo Harry de Voldemort. Já a losna é associada a divindades lunares, como Artémis, que por sua vez é associada a um cervo. Acontece que o patrono<sup>3</sup> de Lílían é uma corça, a fêmea do cervo.

– Ora, isso é comovente, Severo! – exclamou Dumbledore, sério. – Você acabou se afeiçoando ao menino, afinal?

– A *ele*? – gritou Snape. – *Expecto patronum!*

Da ponta de sua varinha irrompeu a corça prateada: ela pousou, correu pelo soalho do gabinete e saiu voando pela janela. Dumbledore observou-a se afastando pelos ares e, quando seu brilho prateado se dissipou, ele se dirigiu a Snape e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Depois de todo esse tempo?

– Sempre – respondeu Snape. (ROWLING, 2007, p. 376)

Nesse trecho, vemos que o patrono de Snape também é uma corça, a mesma de Lílían. A mudança da forma do patrono de um bruxo é rara, mas fica implícito que o patrono de Snape mudou para uma corça por conta de seu amor por Lílían.

De acordo com Pádua (2004), Snape mostrou características opostas ao Velho Mago, que o caracterizariam como Mago Sombrio, ou pelo menos seu aliado. Apenas seu amor por Lílían Potter o fez ficar contra o Mago Sombrio, que a assassinou. Para ficar na posição oposta de Voldemort, ele se aliou a Dumbledore, que o fez se tornar aliado do *Herói*, mesmo que à contragosto. Isso apenas reforça o contraste, característico do Arquétipo do *Camaleão*.

### 3.2.3. Harry e o terceiro irmão

O terceiro irmão, como Harry, tinham de certo modo um relacionamento saudável com a morte, pois ambos a receberam como uma velha amiga, diferente de Voldemort, que dedicou sua vida a se tornar imortal. Isso resultou em uma morte traumática, como a do primeiro irmão. Harry se tornou o Senhor da Morte, pois ele possuiu as três relíquias ao mesmo tempo. Na história, Harry pode ser considerado o Senhor da Morte, mas o papel de Morte, considerando a analogia com o conto, cabe a Dumbledore.

---

<sup>3</sup> Feitiço usado contra criaturas das trevas conhecidas como Dementadores. Esses seres se alimentam da felicidade, e podem destruir a alma da vítima. O patrono serve como substituto dessa felicidade, alimentando o Dementador sem prejudicar o bruxo. Patronos tem formas de animais, que variam para cada pessoa. Para usar o feitiço, o bruxo diz *Expecto patronum*.

Outras ligações podem ser feitas entre esses personagens. A primeira é de que Harry seria um descendente desse irmão. Uma forte indicação disso é de que Harry recebeu a Capa da Invisibilidade como herança de família, tradição desde que o terceiro irmão a passou para o filho. A segunda está diretamente ligada ao arquétipo do *Herói*: O irmão foi o que mais cresceu e aprendeu com a Morte, enquadrando-o nesse arquétipo, pois ele foi o único que aprendeu a lição que seu *Mentor*, a Morte, tentou passar. A terceira seria que ambos fizeram sacrifícios para alcançar seus objetivos: Harry avança em sua luta contra Voldemort com o sacrifício de outros; o irmão sacrifica sua liberdade ao se esconder na Capa. Esta foi dada pela Morte para que o irmão escapasse dela. Ele, porém, retorna para a Morte quando chega sua hora, pois sabe que apenas havia adiado seu encontro com ela. Por fim, Harry abandonou a Pedra e a Varinha, assim como o terceiro irmão não as possuiu, abandonado poder e ambição, de acordo com Hochscheid (2016):

O jovem bruxo foi o último possuidor das relíquias da morte, tendo recebido a capa como herança de seu pai, a pedra da ressurreição de Dumbledore através do pomo de ouro e a varinha das varinhas por conquista ao desarmar o antigo dono. A segunda relíquia ficou caída na Floresta Proibida antes de Potter se entregar a Voldemort, e a última o garoto quebrou para evitar que no futuro outros bruxos fizessem mau uso dela. Assim, como o irmão Peverel, ele desprezou o poder e a ambição. (p.42)

– A coisa que estava escondida no pomo – começou ele – deixei-a cair na Floresta. Não sei exatamente onde, mas não vou sair procurando. O senhor concorda?

– Meu caro rapaz, concordo – respondeu Dumbledore, enquanto seus colegas retratados se mostravam confusos e curiosos. – Uma decisão sábia e corajosa, mas eu não esperava menos de você. Alguém mais sabe onde caiu?

– Ninguém mais – disse Harry, e Dumbledore assentiu satisfeito. – Mas vou guardar o presente de Ignoto – acrescentou Harry, e Dumbledore abriu um largo sorriso.

– Naturalmente, Harry, será sua para sempre até você passá-la adiante!

– E tem mais isto.

Harry ergueu a Varinha das Varinhas, e Rony e Hermione a olharam com uma reverência que, mesmo em seu estado de tonteira e falta de sono, Harry não gostou de ver.

– Não a quero – disse Harry.

– Quê?! – exclamou Rony em voz alta. – Você é maluco?

– Eu sei que é poderosa – continuou Harry, extenuado. – Mas eu era mais feliz com a minha. (ROWLING, 2007, p.408)

Segundo Pádua (2004), na jornada do Aprendiz para se tornar um Mago completo, ele deve não só aprender com o Velho Mago, mas também com o Mago Sombrio. Dumbledore, como Velho Mago, é o porto seguro e fonte de conhecimento. Enquanto isso, Voldemort representa o desafio, ou os testes, a esse conhecimento. Harry deve escolher entre eles, e essa escolha está presente em sua mente e nos desafios que enfrenta.

Isso se deve ao fato de que Harry e Voldemort, representam duas faces da mesma substância:

O Mago Aprendiz, que segue os passos do Velho Mago, e o Mago Sombrio são opostos do mesmo espectro. Eles são feitos da mesma substância, mas os graus de bondade e maldade se contrastam notoriamente. O encontro final mostra que suas origens são as mesmas, mas os caminhos que escolheram seguir são opostos. O Mago Herói percebe que ele e sua Sombra são um só, como mostrado em *A Wizard of Earthsea*. Uma vez que o Aprendiz aceita seu lado sombrio, percebe que vive dentro dele, eles se tornam um, e a influência maligna do Mago Sombrio desaparece. (PÁDUA, 2004, p.104, tradução minha)

Os desafios que Harry passa são essenciais para seu desenvolvimento, tanto como Mago quanto de sua personalidade. Porém, o terceiro irmão, já sendo mais experiente, mostrou o resultado disso em suas características de humildade e esperteza, o que foi crucial para que pudesse aprender a lição que a Morte queria passar.

#### 3.2.4. Dumbledore e a Morte

A Morte desempenhou o inesperado papel de *Mentor*, se considerarmos as características arquétipo: dar presentes e ensinar lições. A lição que o conto tenta passar é de que não se pode tentar vencer a Morte, como tentaram os dois primeiros irmãos. Devemos ser como o terceiro irmão, que foi esperto e humilde o suficiente para pedir um presente que o permitiria se esconder da Morte, um inimigo que não devemos tentar vencer, já que é inevitável. Essa foi a lição que a Morte tentou ensinar aos irmãos, que foi efetiva em apenas um deles.

Para ensinar essa lição, ela usou das fraquezas dos irmãos para tentar ensiná-los, do mesmo modo que Dumbledore está ciente dos segredos e índoles de cada personagem paralelo aos irmãos já citados. Com isso, ele pode manipulá-los, fazendo com que Harry e Snape fossem seus peões na luta contra Voldemort. De maneira similar, a Morte manipulou os irmãos, ao fingir agradá-los, quando sua verdadeira intenção era dar a eles instrumentos que iriam aflorar suas características mais marcantes, fazendo-os sofrer consequências por isso.

Podemos enumerar alguns fatores que deixam mais claro o papel de Morte que Dumbledore desempenhou ao longo da história escrita por Rowling. A primeira seria que ele acolheu Harry quando ele foi “morto” por Voldemort, quando Harry teve sua última conversa com Dumbledore no que Harry imaginou ser a estação de King’s Cross.

– Me diga uma última coisa – disse Harry. – Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?  
 Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando seu vulto.  
 – Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significaria que não é real? (ROWLING, 2007, p.395)

Porém, Harry não foi morto, já que na verdade Voldemort apenas conseguiu matar a Horcrux dentro do garoto. A segunda é que ele esteve de certo modo envolvido nas mortes de Voldemort e Snape. Snape foi morto por ter se unido a Dumbledore na luta contra Voldemort, e a confusão sobre o dono da Varinha, que ocasionou a morte de Voldemort, se originou na morte de Dumbledore. Podemos ressaltar ainda que, sabendo que o que Voldemort mais temia era a morte (Voldemort em francês se traduz como “escapar da morte”), podemos entender porque Voldemort temia tanto Dumbledore.

O *Mentor* de Harry não dá informações diretas, representando uma figura misteriosa, de modo a estimular o *Herói* a crescer por si próprio. Ele tinha uma relação amigável com Harry, assim como o irmão foi de encontro a Morte, pois não a temia, e a Morte o acolheu como uma velha amiga.

Dumbledore também pode ser visto como alguém que contribuiu para os personagens dos livros. Ele ajudou Harry em inúmeros desafios, ajudou Snape a não se tornar a *Sombra* e apresentou Voldemort ao mundo dos bruxos. Ele também foi o dono anterior das Relíquias que foram passadas a Harry e Voldemort.

Voldemort, que foi egoísta, ganancioso e arrogante, encontrou sua ruína por conta desses defeitos. Seu papel de *Sombra* é inerente ao personagem, já que representa a dualidade com o protagonista, ou o lado obscuro de Harry Potter. Apesar de serem muito semelhantes em origem, Voldemort lidou com seus problemas de maneira destrutiva, o que o levou ao caminho da *Sombra* e, conseqüentemente, a sua ruína.

Snape era ambicioso. Essa característica o levou para o caminho da *Sombra* no começo de sua jornada. Uma única intervenção o fez mudar completamente de objetivo: a morte de Lillian. Esse detalhe foi suficiente para fazer com que mudasse de lado, mostrando como o *Camaleão* caminha em uma linha muito tênue entre o *Herói* e a *Sombra*. Como Voldemort, o papel de *Camaleão* é inerente a ele, pois sua lealdade é questionada pelo protagonista ao longo de toda a história. Encontra, finalmente, sua redenção, ao mostrar suas verdadeiras intenções.



Harry apresentou traços típicos do *Herói* durante a história, os mais fortes sendo o crescimento, a ação, o sacrifício e a humildade. O crescimento é intrinsicamente ligado tanto ao *Mentor*, que lhe guiou, quanto a *Sombra*, que lhe propiciou desafios.

Dumbledore, além de desempenhar o papel do *Mentor*, ao dar presentes e ensinar lições, desempenhou bem o papel da Morte. Ele manipulou os outros três personagens, mesmo que tivesse boas intenções. Esteve, de certa maneira, envolvido nas mortes de Snape e Voldemort.

## Considerações Finais

A contação de histórias existe desde os tempos mais primitivos, com objetivo de entreter, trocar informações e disseminar cultura. O elemento fantástico, bastante presente na literatura infanto-juvenil, por estar associadas a personagens magos, não se configura como recente já que pode ser visto, talvez junto do surgimento do que se concebe como a literatura para crianças, com os contos de fadas. No entanto, ao fazermos uma análise histórica, percebemos que elas vêm desde o começo dos primeiros povos que originaram muitas culturas existentes. No caso da cultura da língua inglesa, a figura do mago pode ser vista desde o tempo dos celtas, povo que deu origem aos povos britânicos, como no caso das narrativas do Rei Artur com seu Mago Merlin. As narrativas orais evoluíram para as escritas, mas mesmo assim influenciam muitas das narrativas mais atuais até hoje, passando por Shakespeare e Goethe.

Apesar de não ser uma das categorias de análise para meu estudo, é válido ressaltar que não ignoro que o surgimento do conceito da infância é acompanhado de uma literatura fantástica, que se transforma acompanhando diferentes contextos de época, e que tanto influencia quanto é influenciada por essa evolução da cultura da infância, bem como a cultura da adolescência posteriormente. Esta última foi essencial para o desenvolvimento de várias características da literatura fantástica moderna, como o fato do *Herói* poder se apresentar frequentemente como uma personagem jovem, corajosa, e também ser facilmente identificável com os leitores. É interessante perceber ainda que esse desenvolvimento de personagens heróis jovens num contexto fantástico é acompanhado de uma disseminação destas obras para além do público juvenil, o que provoca uma mudança no que se considera como público leitor de cada obra, com adultos adotando livros infantis e vice-versa.

A cultura de fã também é um aspecto interessante de se observar ao tratarmos da literatura infanto-juvenil. Ela é um reflexo da maior interação dos fãs, possível através da evolução da tecnologia das últimas décadas. É interessante observar como essa cultura influencia no letramento e na formação leitora de crianças e adolescentes. Concluo que é imprescindível que o sistema educacional tente se adequar a esse movimento, que tem tido sucesso em trazer os jovens de maneira espontânea para a literatura.

Considerando este contexto, a Jornada do *Herói* e os Arquétipos, aqui retomados para a nossa leitura da saga de Harry Potter e do conto, não precisam ser vistos apenas como conceitos literários. Através de sua ligação com a psicologia, podemos entender

melhor sobre nós mesmos e os outros, bem como sobre como encarar a vida. Também podemos entender como o ser humano, apesar de ser dividido em diversas culturas ao redor do globo, pode pensar de maneira semelhante a outro que é tido como diferente. Esse conceito pode ser muito importante para construirmos uma cultura de tolerância e compreensão ao próximo.

Apesar de a autora não confirmar a teoria da analogia entre os personagens do conto com os personagens da série de livros, é impossível deixar de notar uma semelhança entre as personagens. Para isso, trouxe o conceito comparativo dos Arquétipos, que em sua essência significa que em todas as narrativas encontramos mais ou menos as mesmas facetas de personagens, apenas como outros nomes e com algumas variações. É importante também analisar narrativas e personagens através das perspectivas de Vogler (2007) e Campbell (2004) para notarmos as semelhanças e vermos que não somos tão diferentes de membros de outras culturas, como o ser humano pode pensar semelhantemente mesmo sem interagir com outros, e também como podemos aprender e ensinar com pessoas que são diferentes de nós.

As personagens dos livros e do conto são, portanto, paralelos em seus pares designados, bem como se ligam aos Arquétipos. Algumas dessas ligações podem ser feitas por poucas características, porém elas de fato só podem ser definidas nas categorias em que foram encaixados. Harry é o típico *Herói*, por conta de suas características universais. Pela sua natureza, as características não mudam, mas sofrem modificações para se tornarem mais fortes, o que caracteriza o crescimento do *Herói*. Sua disposição para se sacrificar se torna mais forte ao longo da história, chegando ao ponto de enfrentar a morte para salvar seus amigos. A humildade foi se tornando mais forte pois, ao contrário do começo da história, onde não entendia porque não era incluído nas decisões dos adultos, percebeu que apenas estava sendo protegido por ser uma criança, o que finalmente aceitou. Essa compreensão permitiu a ele estar cada vez mais no centro da ação. Enquanto travava pequenas batalhas contra Voldemort ao longo de sua adolescência, quando adulto, teve que liderar a última batalha, mostrando como sua responsabilidade pela ação aumentou.

O terceiro irmão, como a personagem que também apresenta essas características universais, é seu paralelo. Apesar de não estar aparente, ele também passou por um crescimento. Ele, como os outros irmãos, estava no fim de sua jornada, por isso o crescimento não é visto pelos leitores, mas as características do *Herói* comprovam que

esse crescimento ocorreu. Podemos concluir que ele seguiu o caminho do Velho Mago, assim como Harry começou a traçar desde o primeiro livro da série.

Voldemort desempenhou o papel de *Sombra* desde que iniciou sua dualidade com Harry. Esse papel se tornou inerente a ele, pois em sua origem já era semelhante ao protagonista, porém se desvirtuou para o caminho das características que julgamos como ruins. Representou os desafios que, ironicamente, contribuíram para o crescimento de seu inimigo.

O primeiro irmão, por ser o personagem com ações mais cruéis ao longo do conto, representa seu paralelo. Suas ações destrutivas acabaram não só afetando os outros, como era sua intenção, mas acabaram destruindo ele mesmo, do mesmo modo que Voldemort.

A máscara é o item que representa o *Camaleão*. Snape usou a máscara intencionalmente, para enganar o vilão, mas para que seu disfarce fosse convincente, teve que enganar o protagonista. Isso leva ao traço principal desse Arquétipo, que é a dúvida quanto a sua lealdade. Foi uma linha muito tênue que o fez mudar de lado, que também é outro traço desse tipo de personagem. Não foi difícil para Snape desempenhar esse papel, pois já demonstrava certo desprezo por Harry, já que o associava a Tiago, seu rival no amor.

O segundo irmão, porém, usou a máscara sem intenção. Por trás de sua arrogância, estava a saudade de sua amada, que o fez se tornar amargo. Essa frustração o fez demonstrar arrogância, que foi quebrada logo após ser mostrada a possibilidade de ter o que mais queria. O homem que tentou humilhar a Morte, que era o menos provável de se curvar a ela, sucumbiu ao ser exposto ao seu ponto fraco, quebrando sua máscara e mostrando suas verdadeiras intenções: se unir a amada. Tudo isso faz com que ele seja o paralelo de Snape.

Dumbledore já estava no fim de sua jornada, fato que é notório tanto pela sua idade quanto pelo estágio de desenvolvimento da personagem. Se tornou o *Mentor*, também conhecido como o lado bom que o *Herói* pode seguir. Ajudou o protagonista ao longo da história, bem como tentou ajudar os outros dois personagens analisados. Para alcançar seu objetivo de derrotar a *Sombra*, manipulou as outras três personagens, pois conhecia suas intenções e índoles.

De todas as figuras mitológicas para desempenhar o papel de *Mentor*, a Morte não seria o primeiro palpite de muitas pessoas. Para ajudar os leitores a lidar com a Morte, o que pode ser muito difícil para muitos, a autora a colocou nesse papel. A Morte não é representada como um ser maléfico, tampouco como um ser amigável. Ela tinha o

objetivo de ensinar os irmãos a lidar com o inevitável. Para isso, deu presentes que fariam com que aflorassem suas características mais marcantes, fazendo com que sofressem consequências por isso. Com isso, vemos como ambos a Morte e Dumbledore desempenham o papel do *Mentor*.

Também concluo que, ao analisar as personagens em si, extraio outras características que não foram diretamente definidas por Vogler. Apesar de não serem ressaltadas diretamente, considero que essas características derivadas podem se encaixar nas características que Vogler apresentou, como se fossem inseridas dentro delas. É interessante observar, por fim, que apesar de não fazerem formalmente parte dos Arquétipos, essas características estão presentes em ambos os pares, como a arrogância de Voldemort e o primeiro irmão. No final, isso apenas torna os pares ainda mais semelhantes.

Esse trabalho foi inspirado na minha vontade como fã que, assim como muitos outros, tenta buscar respostas para perguntas não respondidas pela autora. Ao me deparar com essa teoria, que faz muito sucesso com a *fandom*, achei importante que ela tivesse mais embasamento e mais argumentos que a sustentassem melhor, o que pode ser achado na literatura. Portanto, o objetivo desse trabalho é verificar a comparação feita pelos fãs entre esses personagens. Dentre outros modelos de análise de personagem, escolhi esse pois difere do que normalmente vemos na academia a respeito da análise de personagens. Com isso, espero que mais uma perspectiva para analisar personagens seja interessante para ajudar outras pessoas a entender melhor sobre o papel de certos tipos de personagens em uma obra.

## Referências bibliográficas

- BRITO, A. C. N. *Contar para encantar: a contação de histórias e o ensino da literatura infante juvenil*. Periódico Científico Projeção e Docência, v. 5, nº 1, p.10-27, 2014.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 2004.
- DOMINGOS, A. C. M. *Hiperleitura e escreitura: Convergência digital, Harry Potter, cultura de fã*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2015.
- FERNANDES, L.P. *Brazilian practices of translating names in children's fantasy literature: a corpus-based study*. Florianópolis: UFSC/CCE/DLLE, 2013.
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. - São Paulo: Aleph, 2009.
- HOCHSCHEID, R. I. *Relações Transtextuais, Harry Potter E “O Conto dos Três Irmãos”, uma Hipótese, uma Investigação*. 2016. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- PÁDUA, É. *The Mage as the Hero: An Archetypal Study of Fantasy Literature*. 2004 Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- ROWLING, J. K. *Os contos de Beedle, o bardo*. Tradução Lia Wyler. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e a câmara secreta*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e o prisioneiro de azkaban*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e a ordem da fênix*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Tradução Lia Wyler. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VOGLER, C. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Tradução Ana Maria Machado. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.